

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne
Administrador, Antonio Dantas
Redacção e administração,
Rua de Payo Galvão, 70

Propriedade da Empresa
DOS
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesense
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

BANCARROTA!

As dificuldades da nossa vida economica e financeira são tremendas, mas para o anno ellas parecer-não um idyllio, a braços com outras maiores.

E porque já se ergue diante de nós o espectro da fome, e a bancarrota se entremostra aos olhos mais avisadas, vá de gastar rios de dinheiro na mais desvergonhada farandola burocratica de que ha memoria, servindo-lhe de pretexto a famosa preparação para a guerra.

Maus dias, terríveis dias esperam este infortunado Paiz, victima de gente criminosa e má, que a Historia julgará inexoravelmente, accetando-lhe a estupidez como attenuante de responsabilidades.

(Da Lucta).

Brito Camacho.

SITUAÇÃO FINANCEIRA

A OBRA DA REPUBLICA

Ao nosso presado collega «A Nação» tambem cahiu no goto o artigo do «Seculo» do snr. José de Macedo, que nestas columnas commentamos. Somente fez melhor obra que nós, e tão boa, que pedimos venia para a apresentarmos aos nossos leitores.

Não se embrenhando, como nós, nas abstracções, foi ao amago da questão, ao positivismo calamitoso dos numeros. Na sua singela eloquencia ha quanto basta para edificar quantos tenham de contribuir para reparar o descalabro que as instituições que felizmente nos regem fizeram nas nossas anemicas finanças.

Tem pois a palavra a veneranda «Nação», e esperamos que o leitor, ao acabar de ler o bello artigo que segue, não deixará de dar os três hurrahs da ordenança á ré publica, ao snr. Affonso Costa e ao *supperavit* que o seu alto talento e o seu *incontestavel e desinteressado patriotismo* conseguiu.

«Apregoando as maravilhas da obra da republica e afirmando a sua superioridade sobre a administração monarchica, dizia ha dias um artigo d'O Seculo:

«A republica vae celebrar o seu 5.º anniversario e apenas os cegos propositados poderão afirmar que não tem ella realizado uma obra salutar. Não é necessario nesta altura confrontar a obra do antigo regimen com a do novo, porque, apesar dos seus defeitos, que os tem sempre toda a obra humana, até na propria relatividade de criterios individuais divergentes as instituições proclamadas em 1910 são dignas da consagração definitiva da historia.»

«A obra financeira da republica foi já uma demonstração plena de quanto ha a esperar d'esta nova orientação.»

Não percebemos os motivos porque O Seculo, não cuidando no seu artigo senão de afirmar a superioridade da obra republicana sobre a monarchica, diz que «não é necessario nesta altura confrontar a obra do antigo regimen com a do novo.»

Parece-nos que a melhor e unica maneira de fazer com que «nem os cegos propositados possam afirmar que a republica não tem realizado uma obra salutar» é mostrar-lhes, com a eloquencia

dos numeros, a situação financeira legada pela monarchia e a que a republica creou.

E assim, seguramente, que ninguém pôde ter sombra de duvida «de quanto ha a esperar d'esta nova orientação» de que, segundo O Seculo, «a obra financeira da republica foi já uma demonstração plena.»

Comparemos pois essas situações para que todos se certifiquem de quanto «as instituições proclamadas em 1910 são dignas da consagração definitiva da historia.»

No ultimo orçamento da monarchia, elaborado pelo snr. Conselheiro Anselmo d'Andrade, as despesas somavam 73.903 contos.

No orçamento votado ha dias no congresso da republica, para o actual anno economico, as despesas, apesar da deficiencia de grande parte das verbas, e sem incluir as chamadas despesas da guerra, somam 88.646 contos, que, com os 30.000 contos d'essas chamadas despesas de guerra, e das quaes ha de sahir o necessario para cobrir a deficiencia das verbas do orçamento ordinario, prefazem um total de 128.646 contos.

Em face d'estes numeros pode haver alguém que affirme não ter a republica realizado uma obra salutar?

Se ha, esse alguém tender-se ha evidentemente, ao ver o quadro que passamos a mostrar-lhe.

A divida fluctuante era, á data da implantação da republica, de 31.218 contos.

Pea ultima nota publicada no Diario do Governo de 24 do mez passado, vê-se que já em 30 de junho ultimo (fim do anno economico) ella tinha subido a 116.832 contos.

Quer dizer: a republica apesar de ter arrasado o paiz com impostos e de se ter apossado dos bens das congregações, já em 30 de junho tinha augmentado a divida fluctuante em 35.414 contos.

Vendo estes numeros e pensando em que temos de lhes juntar as consequencias do deficit, que já vimos calculado em 50.000 contos, do actual anno economico, ainda haverá alguém que tenha duvidas «de quanto ha a esperar d'esta nova orientação», de que, segundo O Seculo, a obra financeira da republica foi já uma confirmação plena?

Não o cremos, mas, como ha ja gente tão difficil de convencer, vamos dizer-lhe mais.

Sendo ministros das finanças os snrs. José Relvas, Duarte Leite e Affonso Costa a republica augmentou a divida consolidada (inscrições) em 31.500 contos nominaes, ou sejam, á

cotação de 39,75, 12:521 contos effectivos.

Não será isto ainda bastante para que os cegos propositados deixem de afirmar que a republica não tem feito uma obra salutar?

Pois bem! Vamos dar-lhes outra prova.

A circulação fiduciaria, que, em 28 de setembro de 1910, era de 70.941 contos, diz-nos o ultimo balancete do Banco de Portugal que, já em 15 de setembro, era de 102.925 contos.

Quer dizer: durante a republica subiu já 32.011 contos.

E' possível haver quem conteste que «as instituições proclamadas em 1910 são dignas da consagração definitiva da historia?»

Mas ha mais, e mais que bem prova a acção benéfica da obra da republica no barateamento da vida.

O agio do ouro, que, em 3 d'outubro era de 6 0/10, é hoje de 59 0/10.

Esta eloquencia dos numeros era mais do que sufficiente para abrir os olhos aos cegos propositados a que O Seculo se referiu, mas tratando-se, como diz o mesmo Seculo, de uma consagração definitiva da historia, é conveniente adicional-lhe alguns documentos illucidativos, e bem illucidativos até.

Referindo-se á situação financeira legada pela monarchia, define-a o snr. conselheiro Anselmo d'Andrade, a paginas 14 e 15 dos seus Relatorios e propostas de fazenda, publicados em começos de 1911, nestes termos:

«Foi o perigo financeiro que mais inspirou a propaganda contra o regimen (monarchico). Havia de ser essa a nossa parte inferi. Pois o perigo financeiro estava affastado. A situação apresentava-se despejada das nuvens, que mais enturpada a traziam. Bem o sabe o snr. José Relvas, actual ministro das finanças.»

«Reflete-se nas bolsas o credito d'um paiz, e não se pôde negar que eram significativos de confiança, tanto as cotações dos fundos do Estado como os preços dos cambios, não se podendo, por outro lado, taxar de afogada uma situação financeira, em que, mais de três mezes antes do seu vencimento, estava preenchida nas praças estrangeiras a importância de todo o coupon da nossa divida externa, e em que a reforma de todos os contractos por divida fluctuante externa se fazia a 5 0/10, coisa até então nunca vista entre nós.»

E, de facto, o snr. José Relvas, ministro das finanças do governo provisório, sabia tão bem quanto estas afirmações eram verdadei-

ras que, referindo-se á situação legada pela monarchia, dizia no relatório do decreto d'abolição da contribuição de renda de casas:

O governo verifica com satisfação que a situação do thesouro o habilita a publicar uma medida que estava no seu programma, comquanto nada tenham que agradecer-lhe os cidadãos a quem aproveita, porque ella apenas representa um acto de reparação social.

Vejamos agora como ministros e parlamentares da republica definem a situação financeira por ella criada e as suas causas.

São do snr. dr. Sidonio Paes, então ministro das finanças da republica, na sessão de 18 de dezembro de 1911, na camara dos deputados, as palavras que passamos a transcrever, sendo conveniente não esquecer que do governo provisório, o governo das figuras decorativas da republica, fizeram parte os três chefes do partido:

«A organização que o governo provisório entendeu dar a muitos serviços trouxe augmento consideravel de despesa.

Preciso é dizê-lo. Vê-se, portanto, e para isso chama a atenção da camara, como é seu dever fazê-lo, que por virtude dos decretos do governo provisório, que ainda não foram revistos pelo parlamento, em varios ministerios houve augmento importante de despesa.

Este ponto é importantissimo frizá-lo. D'aqui resulta que, não sendo feita a revisão dos decretos do governo provisório, de forma a attender as despesas que proveem d'esses decretos, correr-se-ha o risco de, no proximo orçamento termos um «deficit» muito maior.

Assim julga indispensavel, quaesquer que sejam as consequencias que d'este seu acto possam porvir, prevenir a tempo e horas o parlamento, invocar todas as energias de que elle é capaz para que faça a revisão dos decretos do governo provisório de forma a reduzir o augmento de despesa que elles trouxeram e de maneira que o proximo orçamento, se não tiver extinto o deficit, pelo menos não apresente um maior que o d'agora.

A responsabilidade que o parlamento tem d'isso será enorme.»

Como respondeu o parlamento a este apello do snr. dr. Sidonio Paes, que assim lhe lembrava a sua enorme responsabilidade em assumpto tão grave?

Respondeu pela forma confessada pelo snr. dr. Duarte Leite, então presidente do ministerio, nestas poucas palavras, em 13 de novembro do anno seguinte, no senado:

Lembro que no ultimo periodo parlamentar se votaram dois mil contos de excesso de despesa.

Muito mais poderíamos transcrever para que a ninguém pudessem restar duvidas de quanto as instituições proclamadas em 1910 são dignas da consagração definitiva da historia, mas vae já longa a documentação e, para fecharmos com chave de ouro, reproduziremos apenas algumas palavras d'uma confissão do snr. Estevão de Vasconcellos na sessão de 1 de setembro ultimo no senado, depois do parlamento ter votado mais de três mil contos d'augmento de despesas.

Disse S. Ex.ª depois de ter classificado de brutal o difficil:

Apesar d'isso, o Parlamento creou muitos logares novos, alguns dos quaes se destinam, segundo se afirma, a deputados. E' uma situação verdadeiramente intoleravel. Devia haver mais respeito pelo paiz, fazendo-se todos os sacrificios, embora extremos, para auxiliar as classes populares; pois não se fez assim, infelizmente. Em vez de se reduzirem as despesas ao minimo, elevaram-se ao maximo, sem nenhuma utilidade immediata ou remota para o paiz.

Isto é uma roça onde tresnam escravos para sustentar o cynismo reles e a ingratião immunda de quatro ou cinco duzias de farçantes, de tubarões e de tyranetes.

Cremos que, por mais exigente que se seja, não é possível aspirar a obra mais salutar.

X.

Conego José Maria Gomes

O nosso semanario honra-se hoje com a transcripção que da Evolução Republicana de Braga, fazemos do discurso que o nosso velho amigo e illustre deputado por este circulo snr. Conego José Maria Gomes fez na camara dos deputados sobre o duello, em resposta a uma phrase infeliz do actual presidente do ministerio. A sua facil eloquencia servida pela sua dialectica limpida e crystallina, poderia não ter convencido o auditorio, mas não deixou decerto de o encantar.

Mas, se não logrou o intento de convencer um auditorio rebelde ao bom senso, em

compensação encontra em nós o mais franco applauso á sua doutrina. Com effeito, é necessario acabar por uma vez com a exhibição d'essa hypocrita coragem do duellista, que sem a ter para se desaffrontar physicamente de reaes ou suppostas injurias, chama o adversario para um campo, por elle d'antemão preparado, em que conta levar a vantagem por meio de artificios que suppõe desconhecidos no adversario. Compreendemos o duello entre dois militares quando, esgotados os argumentos, cada um arranque da espada que traz á cinta; mas não comprehendemos que um homem aggravado diga a outro: espere ahí que eu vou a casa buscar a espada com que o hei de matar. Por cima de tudo, soberanamente ridiculo.

«Tardiamente, só agora nos foi possível obter, fielmente reproduzido pelo Diário das Sessões, o primoroso discurso com que se estreou na Camara dos Deputados o nosso querido amigo e emminente correligionario, Sr. Conego José Maria Gomes.

A brilhante oração, provocada pela inconcebível apologia do duello, feita em plena Camara, á luz do publico e na bochecha dos illustres legisladores, pelo proprio, pelo mesmíssimo presidente do Conselho de Ministros, foi proferrida poucos dias depois de o prestigioso deputado evolutionista ter tomado assento na sua Camara.

Como os leitores viram, referim-nos por essa occasião, vagamente, ao notavel discurso, mas tão somente ajuizando pelas referencias que vinham de lhe fazer alguns correspondentes de Lisboa para os diarios do Porto — referencias breves mas incisivas, concituosas e cheias de justiça para os talentos do debutante e fogoso orador parlamentar.

Então, promettemos publicar na integra a bella peça oratoria do nosso querido e brioso representante do eleitorado de Guimarães, logo que possível nos fosse; gostosamente vimos cumprir essa promessa, e tão gostosamente que bem julgamos que a sua leitura deleitará o espirito dos nossos presados assignantes que prestam culto á encantadora arte de Demosthenes.

Tem a palavra o Sr. deputado José Maria Gomes:

Sr. Presidente: em obediencia ás praxes parlamentares saúdo a V. Ex.ª; e dizendo que o faço em obediencia ás praxes parlamentares, devo acrescentar que é tambem por consciente determinação pessoal, pois me apraz testemunhar que V. Ex.ª se tem nobremente esforçado por se desempenhar com proficuidade e brilho da altissima investidura, a que o subiram os seus concidadãos.

Saudado V. Ex.ª, saúdo tambem os illustres restantes membros da Camara, a todos muito respeitavelmente, mas a uns certos com effusiva e carinhosa sympathia, porque constituem, para o meu espirito, uma especie de batalhão sagrado, uma élite de distincção dentro da Republica.

Saúdo, tambem, os membros da nobilissima instituição da Imprensa, que comnosco valiosamente cooperam numa obra de civilização.

São elles os benemeritos obreiros que, num labor por vezes extenuante, levam ás mais reconditas paragens o echo e o transunto do certame espirital que se trava aqui, — o echo e o transunto d'estas pugnas parlamentares, em que os representantes do povo se disvelam ou devem disvelar na ansia de proporcionar á Patria e á Humanidade a maior somma

de bem estar, de felicidade e de progresso.

Sr. Presidente: Eu li algures que o sr. Delcassé, o grande Delcassé da nobre França, declarou uma vez:

«Os meus primeiros quatro annos de deputado passei-os a ouvir fallar os outros. Entendi que me era necessario este proficuo estágio antes de usar da palavra e aproveitei-o».

Devera eu tambem fazer assim. Ouvir, observar, aprender em prudente reserva e fallar depois. E' todavia certo que, se tão insigne e sublimado espirito entendeu necessario um estágio de 4 annos a ouvir fallar os outros, eu teria de estacionar, pelo menos, 4 seculos — o que, como veem, é impossivel.

Depois ha certos lances, surgem taes questões, ouvem-se taes doutrinas que fazem vibrar á sensibilidade mais apathica e sacodem violentamente o mais pesado torpôr.

Tal succedeu commigo hoje ao ouvir, d'alli e da bocca do Sr. Presidente de Ministros, umas palavras que (respeitosa, mas desasombradamente o digo) me impressionaram mal. Eu que, em verdade, estava decidido a não usar da palavra tão cedo, fui como que impellido por uma molla occulta, mas irresistivel, a quebrar o meu commodo silencio para que não transitassem em julgado os extravagantes conceitos do illustre chefe do Governo. Aqui estou, pois, para fazer-lhes uns ligeiros reparos em que vae o meu protesto.

S. Ex.ª depois de comunicar á Camara e de lamentar, em nome do Governo, mais um desastre da nossa marinha de guerra, — o de haver se incendiado a canhoneira Ibo e ter havido mortes — contou-nos com muita satisfação (disse) que soubera ter-se liquidado pelas armas uma qualquer desavença entre um Deputado e outro cavalheiro.

Em primeiro lugar parece-me que a Camara nada tem que ver com estas noticias de desavenças particulares nem com a maneira como taes desavenças se compuseram. Em segundo lugar, não se comprehende, no Parlamento portuguez, esta especie de recommendação do duello, velho e condemnado processo de dirimir questões pessoais. E muito menos se comprehende, Sr. Presidente, que essa recommendação seja feita pelo chefe do Governo, ao qual incumbem ser impeccavel executor e incondicional respeitador das leis do seu Paiz!

As nossas leis proscrevem o duello. A policia põe-se em campo á caça dos duellistas e muitas vezes lhes frustra o barbaro encontro. Como é, pois, que um Chefe do Governo, homem de leis e velho republicano assim menospreza os nossos Codigos, assi indirectamente censura uma lei da Republica e como afoita, pelo caloroso elogio, os outros a transgredirem-lha?

Repito e insisto: tal attitude não se comprehende, e temos de reconhecer com magua que S. Ex.ª não mediu bem o alcance e consequencias das suas palavras.

Sr. Presidente: O duello tem, bem sei, uns tantos defensores theoreticos. Não é agora o momento azado para os impugnar. Bastará dizer que o duello, quanto a mim, é a mais triste maoeira de liquidar pendencias de honra; é um ressaibo de tempos e processos barbaros. Commetter á inconsciencia d'uma bala ou á sorte d'uma estocada a solução d'um problema de espirito, lá me parece desacerto grande, para não dizer demenciação.

Viso, porém, agora somente o aspecto legal. Como deputado, pois, d'um paiz que nos seus codigos fulmina os duellistas, eu me insurto e lavro o meu protesto contra as palavras de sympathia pelo duello, que ao Sr. Presi-

dente de Ministros escaparam nesta Camara.

Como padre, tambem condemn-o o duello com as leis da Igreja, ás quaes neste particular se ajustam as do meu paiz. E — não direi como philosopho, mas como homem que algo tem pensado sobre uns tantos problemas sociaes — eu tenho horror por esse simulacro de desaffronta e o relego para as epochas decadentes, em que a força e a astucia eram tudo, e a Justiça, a Razão e a Intelligencia pouco pesavam na balança dos povos.

Eis o que, Sr. Presidente, sob a vibração dos meus nervos tranquilllos perante ás insolitas palavras do illustre chefe do Governo, eu tive necessidade de dizer, frisando nestas breves palavras o meu desagrado e o meu protesto. Tenho concluido.

SECÇÃO AGRICOLA

(Continuação do n.º anterior)

5.º — **Gordura** — Os vinhos atacados d'esta doença tornam-se viscosos, correm em fio como os oleos, cahindo surdamente no copo; são chatos de gosto e fracos, e chamam-se filantes ou gordos, pelo seu aspecto.

A causa da gordura é um fermento, constituído por cellulas redondas, unidas em forma de rosario e envolvidas numa materia gelatinosa.

Os vinhos brancos, fracos, pobres de tanino e de alcool diz-se que são os mais atacados pela gordura; mas não é só nestas condições que esta doença se desenvolve.

Na vindima de 1898, vi eu muitos vinhos tintos, encorpados, e ricos em assucar, que poderiam tornar-se alcoolicos, ficarem incompletos e gordos.

A causa d'esta gordura foi a alta temperatura do ar, que reinou na vindima e a fermentação mal dirigida, chegando em alguns lagares a elevar-se o calor a mais de 35º. Nestes termos o fermento alcoolico cedeu o logar a bacterias, deu-se alguma fermentação anormal e o assucar ficou indecomposto.

O melhor remedio contra a doença da gordura é o emprego de forte dose de tanino, 15 a 30º por hectolitro, dissolvido em alcool seguido de colagem e trasfega, e a pasteurização.

O emprego d'estes meios deve fazer-se atejando o vinho e batendo-o para ajudar o tanino a precipitar a materia albuminosa, juntando-lhe tambem 20 a 50 grammas de tanino, quando fique chato.

6.º — **Manitose** — A descrição da doença que absorveu em 1898 e as condições em que ella se produz, condizem inteiramente com o que alguns cenologos dizem ultimamente da formação da manite, que produz nos vinhos um estado muito patecido com a gordura e que só o microscopio pode distinguir pela forma do fermento.

Effectivamente o fermento manítico, dizem atacar o assucar durante a fermentação secundaria para produzir acido acetico e manite. Esta doença é devida á pobreza do mosto em acidos fixos, e á temperatura alta que, actuando durante a fermentação, a contraria ou faz parar ficando então no vinho um excesso d'assucar.

A presença da manite não faz perder immediatamente as boas qualidades dos vinhos, mas paralisa-os, e pode perdê-los pela permanencia do assucar e fermentos morbidos.

Para prevenir esta doença como outras, especialmente nos annos quentes, acidifica-se o mosto com acido tartarico, na dose necessaria, e vigia-se a fermentação, resfriando a massa, se for preciso, para se manter entre 25 a 30º de calor.

Declarada a doença o melhor remedio a applicar é o aquecimento até 65 ou 70º e applicação do tanino.

7.º — **Amargor** — Esta doença revela-se pelo sabor amargo que communica aos vinhos. Nos vinhos velhos finos engatrafados do Douro e da Madeira o amargo ou gosto de quina, não é defeito, mas é o nos vinhos novos de pasto. Pouco observada no nosso paiz, a doença do amargor é muito comum no vinho da casta pinot na Bourgogne.

Esta doença é causada por um fermento sedoso alongado, coberto de materia corante escura, que produz no fundo das vasilhas um deposito escuro, e que, atacando a glicerina, a decompõe e forma acidos volateis.

Para a evitar dá-se ao vinho a pasteurização; e para a curar, além do aquecimento, passa-se o vinho para vasilha sulfurada, junta-se-lhe 10 grammas de tanino em alcool e 50 grammas d'acido tartarico, colla-se e trasfega-se para vasilha sã.

8.º — **Agridoce** — Esta doença, quasi privativa dos melhores vinhos generosos, ricos em assucar e glicerina, é produzida por um mycrophito, um fermento composto por hastes que se ramificam, e revela-se pelo gosto ao mesmo tempo agrio e doce, mas enjoativo.

Combate-se esta doença com a applicação do gesso e atejamento na trasfega. O Visconde de Villa Maior aconselha outros meios usados no Douro, onde a doença é melhor conhecida.

Logo que se descobrem os primeiros symptoms do agridoce, deve abafar-se o vinho com aguardente, como se fosse para fazer geropiga, a fim de cortar de golpe a fermentação; depois lota-se o vinho curado, mas excessivamente alcoolico, com outro que ainda não tenha levado aguardente, ou espera-se para o cortar com vinho novo, ou remostar na proxima vindima, se tanto for preciso.

Outro methodo consiste em empregar a greda branca; é meio effiz, applicado a tempo, em pequena porção, não passando de 1 kg. por pipa; neste caso não se adiciona aguardente ao vinho, senão depois de ter desaparecido o acido. Para que se effectue o desaparecimento, ou antes a neutralização do acido, é necessario que a greda contenha algum carbonato de cal ou magnesia, e nesse caso, o sal resultante, que fica em solução no vinho, deve comunicar-lhe mais ou menos, gosto extranho. A argilla pura, ou o kaolim será preferivel, neutralizando primeiro o excesso do acido com o carbonato de potassa puro, empregado com muita moderação. E' em todo o caso um processo que tende a introduzir no vinho substancias extranhas, e que por isso se não deve usar senão com muito cuidado.

E' preferivel, sendo empregado a tempo, o curativo pelo acido sulfuroso, applicado como se houvesse a determinar no vinho o *mutismo* ou o completo abafamento da fermentação, dando tantas mechas ao vinho quantas elle possa receber.

Não devemos esquecer que, qualquer que seja o tratamento empregado, convem sempre terminá-lo com uma cuidadosa clarificação, e recolher depois o vinho em vasilha perfeitamente limpa.

(Continua)

Regoa, 8

Vinhos do Douro em França

A Associação Commercial da Regoa pode já obter para todos os vinhos da região duriense com gradação de 11 a 12 graus, a offerta de 110 francos ou sejam 275000 reis por cada pipa de 550 litros, posto a bordo e pago á vista.

Os lavradores que desejarem mandar as amostras dos seus vinhos, podem desde já dirigir-se á Associação Commercial d'esta villa, a qual está em communicação directa com as principaes casas

importadoras de Bordeus (França).

Ha males que veem por bem. Se forem, como é natural, os vinhos do nosso Douro para França, é crível que, em virtude das suas magnificas qualidades, cá voltem mais vezes a buscá-los. Fazemos votos porque assim seja e porque ao Douro se abram horizontes mais risonhos, e um mais prospero porvir.

PIOS

Láçuna

Do «Noticias», do Porto:

«Na lista de cabos d'infantaria 31, que assignaram a mensagem que hontem publicamos, dirigida ao sr. dr. Bernardino Machado, faltou incluir o nome do 1.º cabo do mesmo regimento, sr. Henrique Lamas Guerra.»

Esta só pelo diabo! Então não ia ficando no tinteiro o Lamas! Felizmente que ainda se pode tapar aquelle buraco a tempo.

Do nosso mimoso colega local «Alvorada»:

Contrastes

«A familia real portugueza custava annualmente ao paiz, só nas verbas da sua dotação, 685 contos de reis annuaes. Usfruía tambem os rendimentos dos chamados bens da coroa quintas, matas, palacios e joias.

O presidente da Republica tem a dotação de 18:000\$00 (18 contos).

A resposta dá-lha o nosso presado e honrado collega da capital «A Nação», nestas curtas e eloquentes linhas:

«Em appendice ao Diário do Governo foi publicada a nota do estado da divida fluctuante em 30 de junho d'este anno. Ascende a 116:832 contos.

Esta divida era, em 30 de junho de 1910, de 82:058 contos. Teve, portanto, um augmento de 34:774 contos.

Está crescendo... Não ha duvida que a administração republicana é um modelo... de honestidade.

E se estas razões não bastarem, lá vem o grande espectralhão republicano, cujas palavras publicamos *en-tete* que deverá ser insuspeito ás gentes da grei.

A proposito não podemos deixar de dizer que lhe admitamos o descaramento.

Na verdade é preciso muito pouca vergonha, ou uma absoluta inconsciencia para vir denunciar escandalos de que lhe toca um largo quinhão na responsabilidade.

Mas tambem a ré publica não se instituiu para ensinar moralidade a ninguem.

Remedio infallivel

Da «Alvorada», a proposito do forrobodó tapyense:

«Ergeram-se diversos brindes, fazendo todos calorosas saudações á terra das Tappas pelo desejo de a ver tirar do seu amor baírrista um amor acendrado e grande á Republica.»

E se com os brindes não conseguirem o almejado intento, com as libações repetidas sempre hão-de conseguir alguma coisa, ainda que não seja senão... um vomito, em honra dos apóstolos.

Economia e moralidade

do regimen

O Quatorze de Maio, órgão dos revolucionarios da segunda Republica, diz: «Que o sr. commandante da policia comprou um automovel de luxo por 2.500\$000 reis.

—Que este dinheiro sahio dos cofres da policia.»

O commandante da policia é republicano e, segundo dizem, democratico. Não foge á regra... snrs. revolucionarios do 14 de Maio.»

O que vale é que o Presidente ganha só 18 contos por anno. O que vae d'ahi para os ominosos 685 contos da lista civil da ex familia real, dá de sobra para o brodio republicueiro.

A «Alvorada», na manta de farrapos que era o seu penultimo numero, foi exhumar aos archivos, retalhos da prosa jornalística dos coverios da monarchia e com elles tapou as láçunas. Como temos em capricho que os leitores dos nossos «Echos» não sejam

mais mal servidos que os da «Alvorada», d'ella descosemos alguns farrapos:

«... Não ha ninguem, por mais leigo que seja em despezas publicas, que não saiba ou pressinta que nada menos de um quarto da receita do thesouro, nos ultimos dez annos, tem tido applicação que não pode vir a lume...»

Palavras de Dias Ferreira, presidente do conselho, proferidas em 1903.

«Quem são os progressistas?... Os antigos insultadores do rei; os que apodavam infamemente o manto do monarcha; os que caluniavam a vida particular do soberano, attribuindo a motivos vergonhosos os seus actos publicos e politicos; os descarados que se atreveram a perguntar á sr.^a D. Maria Pia de Saboya com que dinheiro desempenhava as suas joias do Banco, os histriões insensatos que cuspiram ameaças torpes sobre as cabeças das *louras creanças*, como elles diziam; essa cohorte de diffamadores e de miserandos bate hoje constrictamente nos peitos, ajoelha-se aos pés da sua victima, esburga famelicamente os olhos que lhe atria, e, engulindo as suas venenosas diatribes de hontem, expectora as podres lisonjas que a barriga farta lhe inspira.»

Conde Valbom, antigo progressista.

«Quem eram todos na opinião de D. Carlos? Politicos que não offereciam nem uma garantia de caracter, como elle disse na celebre entrevista de Galtier.

«Pelo poder teem atravessado verdadeiras quadrilhas de ladrões!...»

Dias Ferreira.

Tudo isto é bem verdade, e tão verdade que foi por isto mesmo que o regimem cahiu. Mas o que a «Alvorada» esqueceu, e d'ahi, talvez não saiba, é que o constitucionalismo nada mais é do que a democracia em acção, e acção tão livre, que á Monarchia não cabia a menor *responsabilidade*, como muito claramente determinava a sua propria constituição. E por isso, a pedrada jogada á Monarchia, bate de ricochete em quem a atirou.

A mesmissima «Alvorada», a quem estamos reconhecidissimos por terem fornecido tão largamente esta secção, honrou as suas columnas no citado penultimo numero, com a prosa, em letras garrafas, do não menos garrafal senador Estebão, como segue:

O que é preciso fazer

«A forma mais eficaz de commemorar o movimento de 5 d'Outubro consiste em trabalharmos todos para que a obra da Republica seja perduravel pela libertação das consciencias e pela extincção de todos os privilegios. E' necessario para isso que os bons republicanos comprehendam os seus deveres e as suas responsabilidades, que não transijam com velhos habitos de immoralidade politica. Na actual organização social e saneamento da administração do Estado constitue a base essencial de toda a obra de progresso. E apenas com muita energia, com muita abnegação, não se preocupando em crear inimigos, e não hesitando em se defrontar com as maiores infamias os republicanos conseguirão moralizar a administração em Portugal.

Estevam de Vasconcellos.

Este ainda é mais inconsciente do que o Cabrito Macho. Este, na sua innocencia, vem pedir justamente que lhe tirem as armas com que elle e os da sua grei se fazem fortes—os privilegios! Pois não vê, patetinha, que no dia em que todos gosarmos da absoluta, genuina, real egualdade, adeus formiga branca, e portanto, adeus Estevão? Que destino quer você dar depois á sua enorme pança desde que ella não sirva mais de palheiro? Quer fazer d'ella deposito de bombas? Quer lá instalar uma carvoaria com vinhos? Quer lá fundar uma adega regional? Quer alugá-la ao Pulhote para servir d'alvo aos exercicios d'artilharia naval? Ora coma e cale-se, sôr Estebão, e não se metta a redemptor.

O mesmo conspicuo collega local, transcreve parte de uma mensagem que o bravo e honrado Paiva Couceiro, a quem chama traidor, dirigiu ao governo provisório, e commenta-a assim:

«E como procede este Nun'Alvares de via reduzida em face dos dois declarados adversários—a Hespanha e a Alemanha?»

Refugia-se na fronteira hespanhola, arma a sua tropa fandanga com material das fabricas hespanholas, e faz o jogo da Alemanha porque sabe que a Inglaterra viu com bons olhos a revo-

lução que proclamou a Republica em Portugal.

«E digam que Couceiro não é um traidor!»

E digam que a «Alvorada» não á uma restia d'alhos, dizemos nós.

Irmãdos na gloria

Diz o «Seculo»:

«O sr. dr. Alvaro de Castro occupou, com sua esposa, dois camarotes de luxo, os mesmos que habitou, *por menor curioso*, o actual rei da Belgica, quando, ainda principe, fez com o seu ministro das colonias uma viagem de um mez ao Congo Belga. Chamava-se então o paquete, que pertencia á Companhia de Navegação para o Congo Belga, *Bruxelleville*, sendo mais tarde comprado pela nossa Empresa Nacional de Navegação e baptisado com o nome actual.»

E' effectivamente muito curioso, o grifado por menor. D'elle resulta uma grande honra... para o rei Alberto.

Incorrigivel

O «Seculo» na sua habitual bisbilhotice, foi puxar pela lingua do Pulhote, (a quem chama illustre enfermo) a respeito de varias coisas, a que Pulhote respondeu, segundo o costume, de uma maneira muito satisfatoria.

«E, a proposito, o illustre enfermo manifestou-nos o seu contentamento por ter visto figurar no programma das festas uma parada militar, o que deu ensejo ao povo, pela sua aproximação com os nossos soldados e marinheiros, de aprender a estimar os militares e a olhar para elles com o respeito que merecem pelo seu amor á Republica e pelo papel, que tão bem sabem desempenhar, de guardas fieis da ordem publica.»

Verdades como punhos, como todos podem verificar, mettendo a mão na consciencia. Como as grandes verdades operam nos grandes espiritos! Quem havia de suppor aqui ha uns annos atraz, que um franquista havia de vir a falar assim!

Mais disse o illustre enfermo:

«—E' preciso que o povo saiba bem para que é o exercito e a sua marinha; e na fraternidade que existe entre as diferentes armas, mesmo entre aquellas que ainda hontem se encontravam, por assim dizer, frente a frente, o povo encontra um bom exemplo a imitar, uma prova de que acima de todas as dissidencias momentaneas ha o ideal supremo da Patria.

Veja — disse-nos elle — essa encantadora festa militar de ha dias a significação que teve.

E informou-nos de que, dentro em breve, haverá outra, de retribuição, a bordo.»

A significação que tem, é que, como já dizia a sabedoria das nações,—o comer e o coçar vae no principiar. Continuando, diz:

«O problema da construção do Arsenal da Marinha, na Outra Banda, é discutido ha mais de um seculo. Chegou-se á ultima palavra, ao *abstractum* dos pareceres de mil commissões, tendo sido até ouvidas as casas estrangeiras da especialidade, não se iniciando a obra apenas porque até hoje nunca houve dinheiro. Mas agora, que ha, o que acontece? Surge a rotina, o «fica para amanhã.»

Então ha dinheiro, *massa*, como democraticamente se lhe chama, e o sô Camacho vem cá p'ra fora dizer o diabo das finanças publicas? Ha dinheiro e anda toda a gente a tocar ao beato? Ha dinheiro, e o governo precisa de 30 mil contos? Ha dinheiro, e estabelece-se um preço maximo para os generos de primeira necessidade? Ha dinheiro? Mas então onde o ha, quem é que o esconde? diga lá, seu Pulhote. Ou havê-lo-ha simplesmente para quando V. Senhoria julgar opportuno fazer outro 14 de maio?

«E, já de pé, (diz o «Seculo») perguntamos-lhe ainda o que pensava, como deputado, da situação politica do momento.

«Não vejo nada que alarme—respondeu-nos o sr. Leotte do Rego—Talvez a logica um pouco de pernas para o ar... No entanto, ao parlamento compete vigiar estriictamente o modo como o actual governo usa das auctorisações excepcionaes que lhe foram concedidas.»

Isto, está claro, em quanto Cretinotte está doente, que em se restabelecendo, o grande patriota com certeza se não exime ao honroso encargo de vigiar pela sua obra.

Ora para que diabo foi lá o «Seculo» bulir com o homem?! Estava a fazer tão bonita figura calado...

Carteira Elegante

Fazem annos na segunda quinzena d'este mez as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

DIA 17

D. Emilia de Noronha Pinto Coelho Guedes Simões.

DIA 18

D. Maria Honorina Trepa Fanzeres (Castello Branco). Thomaz Rocha dos Santos.

DIA 19

Dr. Adelino Leão Costa.

DIA 21

D. Izilda da Conceição Cruz d'Almeida.

DIA 22

D. Maria do Carmo Martins Pereira de Menezes.

D. Beatriz Martins de Queiroz Montenegro.

DIA 23

D. Maria da Conceição Pereira da Silva Forjaz e Menezes.

DIA 26

Francisco Ribeiro Martins da Costa (Aldão).

DIA 27

Dr. Alberto Ribeiro de Faria.

DIA 28

D. Emilia da Natividade da Silva Bastos.

D. Anna Augusta Mendes Ribeiro.

DIA 29

D. Maria Rosa Marques Bastos.

D. Emilia Rosa Marques Bastos.

José de Barros da Rocha Carneiro.

DIA 30

Viscondessa de Viamonte da Silveira.

Nascimento

Teve ultimamente a sua *délicata*, dando á luz uma linda creança do sexo feminino, a ex.^{ma} Senhora D. Maria Luiza de Freitas de Souza e Menezes, virtuosa esposa do sr. Manoel Malheiro de Souza e Menezes. Mãe e filha encontram-se bem.

Casamentos

Realiza-se na proxima quinta-feira o casamento do distincto *sporteman*, sr. Marcos Tameirão (Vallado), com a ex.^{ma} Senhora D. Elisa Maria de Menezes Cardoso e Silva (Godim), gentil e formosa filha dos illustres titulares Senhores Viscondes de Godim.

Será celebrante o dedicado amigo da nobre familia Godim, o venerando Prelado do Porto, ex.^{mo} e rev.^{mo} Senhor D. Antonio Barroso, que aos gentis noivos lançará a benção de Sua Santidade o Papa Benedicto XV.

Para o nosso sympathico amigo Raul Ferreira, filho do importante industrial de Riba d'Ave, Famalicão, sr. Narciso Ferreira, foi pedida em casamento a ex.^{ma} Senhora D. Maria da Gloria Ribeiro, gentil filha do considerado negociante portuense sr. Antonio José Ribeiro.

O auspiciosissimo consorcio realiza-se brevemente.

Egualmente foi pedida em casamento para o nosso conterraneo sr. Francisco José Ribeiro, a nossa gentilissima patricia ex.^{ma} Senhora D. Maria Ignez Martins Fernandes, presada filha do considerado negociante e abastado capitalista d'esta cidade, sr. Francisco Martins Fernandes.

Conde de Margaride

Acompanhado de seus illustres filhos e netos, regressou de Villa do Conde a Guimarães, o nobre

titular e digno Par do Reino sr. Conde de Margaride.

Ao seu palacete da Costa, regressou da praia do Moledo, acompanhado de sua virtuosa esposa, ex.^{mas} cunhadas e filhos, o nosso querido e illustre amigo sr. Antonio Leite de Castro.

Esteve doente, mas já se encontra em aberta convalescença, o nosso sympathico amigo Paulo Lobo Machado (Paço de Nespeira).

De Villa do Conde, regressou ao Porto, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa e gentilissima irmã, o nosso querido amigo dr. João Paulo Sampaio e Mello (Pombeiro).

D'aquella praia regressou a Braga, com sua estimada familia, o nosso presado amigo e illustre coronel inspector da arma d'infantaria da 8.^a Divisão, sr. Julio Acciaiuoli de Menezes.

De volta de Azurem, já se encontra entre nós com sua estimada familia o digno director da C. F. T., sr. Manuel Martins Barbosa d'Oliveira.

De Braga, regressou á sua casa de Ronfe, o nosso illustre amigo sr. Conde de Villa Pouca.

Regressaram das Caldas da Rainha á capital, acompanhados de suas gentis e insinuantes filhas, os illustres titulares snrs. Viscondes de Alvellos.

Esteve em Santo Thyrsó, d'onde já regressou á sua casa de Lisboa, o nosso presado amigo sr. Conde do Restello.

Sua ex.^{ma} esposa e filha, já retiraram das Caldas da Rainha, para Lisboa.

Está completamente restabelecido o importante industrial sr. Bernardino Jordão.

Esteve nesta cidade o nosso amigo sr. Conego dr. Victor José d'Oliveira, illustre secretario do Senhor Bispo de Lamego.

Parte hoje para o estrangeiro, onde se demora uns dias, o nosso estimado amigo sr. Abbade João Candido da Silva.

Com sua ex.^{ma} familia regressou a Guimarães o distincto clinico sr. dr. Joaquim José de Meira.

Egualmente regressou a Guimarães com sua ex.^{ma} esposa e gentis filhinhos, o bosso presado amigo e illustre clinico sr. dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães.

De Pencillo, já voltou para esta cidade, com sua virtuosa esposa, o nosso amigo e digno provedor da Santa Casa da Misericordia, sr. Manoel Joaquim da Cunha.

Das suas propriedades de Celorico de Basto, regressou a esta cidade, acompanhado de sua virtuosa esposa e gentis filhinhos o nosso muito estimado amigo e illustre director clinico da casa de saude do Seixoso, sr. dr. José Maria de Moura Machado.

De Fermil, Celorico de Basto, regressou ao Porto o nosso sympathico amigo e intelligente academico Manoel Maria Moniz.

Vimos em Guimarães, o illustre lente da Universidade de Coimbra, sr. dr. Alvaro Villela.

De Vizella regressou á sua casa de Setubal, o nosso illustre amigo sr. D. Antonio Pereira Moutinho de Sá e Mello.

Das suas propriedades de Villa Nova de Sande, regressa brevemente a esta cidade, acompanhado de suas ex.^{mas} irmãs, o nosso

querido amigo e distincto professor do Lyceu Nacional, sr. conego Alberto da Silva Vasconcellos.

Esteve em Sande, de visita a sua familia, acompanhado de sua ex.^{ma} mãe, o nosso estimado e sympathico amigo dr. Adelino Ribeiro Jorge.

Encontra-se na Povoia de Varzim, d'onde regressa no dia 29, a ex.^{ma} Senhora D. Emilia Antunes Saraiva de Carvalho Machado (Libandeira) dedicada filha do nosso presado amigo sr. Antonio José Antunes Machado.

Naquella praia encontra-se com sua estimada familia o sr. José Antunes Machado.

Vimos nesta cidade, acompanhado de sua ex.^{ma} familia, o nosso amigo sr. Antonio Pereira Lopes da Silva (Forjaz) respeitavel capitalista nas Caldas da Rainha.

NOTICIARIO

Grandiosa festividade

No dia 31 d'este mez realiza-se na parochial de S. Lourenço de Sande, uma pomposa festividade ao Santissimo Sacramento, que será precedida de uma communhão geral e da primeira communhão de 50 creanças de ambos os sexos.

Cantará a missa o Ex.^{mo} Conego Alberto da Silva Vasconcellos, illustre professor do Lyceu, e ministrará a communhão, officinando á tarde ao «Te-Deum», o venerando Prelado da Diocese, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Dom Manuel Vieira de Mattos, eminente Primaz das Hespanhas.

E' juiza d'esta festividade a nossa gentilissima e insinuante patricia, ex.^{ma} Senhora D. Ludovina Eugenia de Freitas.

Tudo se congrega para que ao illustre e venerando Prelado sejam dispensadas as mais calorosas e imponentes manifestações, aliás bem merecidas a quem como Sua Ex.^a Rev.^{ma}, se tem imposto á consideração de todos os portuguezes, que muito apreciam as altas e poderosas qualidades moraes e intellectuaes de tão eminente patriota, que o tem sido como poucos.

Os feridos da guerra

O Grupo de Propaganda Pró-Vizella, vae officiar ao presidente da commissão do turismo de Portugal, fazendo-lhe sentir que Vizella, com os seus magnificos hotéis e muitos outros elementos de que dispõe, se julga habilitada a hospedar com commodidade, carinho e sem exploração, muitos dos feridos da guerra inglezes que pensam vir convalescer para o nosso bello paiz. Com razão. Os jornais dão noticias de estancias em condições de receber os hospedes e nem sequer em Vizella fallam. Pois julgamol-a muito superior a outras.

Representação

Os padres do Espirito Santo representaram ao governo, solicitando providencias para que não sejam extintas as missões em Angola, por quanto se não forem protegidas, dentro em breves annos apenas existirão missões estrangeiras naquella provincia.

Escola Industrial «Francisco d'Hollanda»

Na escola Industrial «Francisco d'Hollanda», reuniram ha dias, a convite do seu director sr. dr. Joaquim José de Meira, os presidentes da Commissão executiva da Camara, presidente da Associação Commercial e presidente da Associação de Classe dos Empregados de Commercio, a fim de tratarem da criação de uma cadeira de commercio na referida

Escola Industrial, a exemplo das suas congéneres.

A criação da cadeira de commercio deve prestar relevantissimos serviços.

Guarda republicana

Chegou parte da força da guarda republicana que vem permanecer nesta cidade, ficando instalada n'uma das dependencias da administração do concelho, antiga residencia das religiosas Dorothéas.

Funeraes

Effectuaram-se na igreja da Misericórdia, os reponsos e funeral do escrivão sr. Gaspar Teixeira de Souza Mascarenhas, que foram muito concorridos de pessoas das relações do extinto e de todos os funcionarios do fóro vitanense.

O feretro foi conduzido ao cemiterio publico no coche da Santa Casa de Misericórdia, puxado a 2 parelhas, seguido de varios trens.

Vinhos

Neste concelho, a colheita foi inferior aos outros annos na grande maioria das freguezias, embora seja de muito boa e excellente qualidade.

O preço regula de 33 a 40 mil reis, conforme a qualidade.

Beneficio

Realizou-se no theatro de Dom Affonso Henriques em favor da sympathica artista Virginia de Souza. Casa regular.

A Lusitania

Sensivelmente melhorada em todas as suas secções deve reaparecer brevemente a revista catholica do Porto, *A Lusitania*.

E nos grato cumprimentarmos aquelle nosso collega, augurando-lhe muitas felicidades.

Lyceu Nacional

Hontem foi a abertura solemne d'este importante estabelecimento de ensino, sendo a acto bastante concorrido.

Amanhã principiam as aulas.

EDITAL

A Comissão Executiva da Camara Municipal do concelho de Guimarães:

Faz publico que, passados oito dias a contar da data d'este edital, os preços das carnes verdes neste concelho não poderão exceder os prefixados no art. 7.º da Lei n.º 459 de 24 de Setembro d'este anno, sob pena de contravenção e applicação das multas legais.

Para conhecimento de todos se publica a parte da disposição da lei citada, que é do theor seguinte:

Artigo 7.º

As Camaras Municipaes organizarão as tabellas dos preços das carnes de diversas especies e classes. Nos concelhos de Lisboa e Porto esses preços não poderão exceder a media de 32 por kilogramma de carne de vacca, de 40 por kilogramma de vitella, de 20 de carne de carneiro e de 34 de carne de porco; nos demais concelhos estes preços deverão ser diminuidos em proporção com os encargos locais.

§ 1.º—As carnes de vacca de 4.ª classe (aba, peito, cachaço e chãbão) não poderão ser vendidas por preço superior a 260 por kilogramma.

§ 2.º—As Camaras Municipaes, sempre que seja necessário normalizar os preços, deverão abrir talhos onde seja vendida a carne pelos preços das tabellas que organizarem.

São estes os preços das carnes que a Comissão Executiva da Camara Municipal adoptou em sua sessão ordinaria realizada no dia de hontem.

E para conhecimento de todos se publica o presente e outros de

igual theor nos logares do costume e estylo.

Guimarães, secretaria da Camara, 2 d'Outubro de 1915. E eu José Maria Gomes Alves, chefe da secretaria, o subscrevi.

O Vice Presidente,

José Rodrigues Leite da Silva.

Falta só determinar o preço porque o lavrador ha de vender o gado ao marchante. Emquanto o legislador não fizer isso, arrisca-se a voltar ao regimen de caldo e boroa, de que parece já vae tendo saudades, por não encontrar carne nos talhos. Tenha pois o lavrador paciência e espere um bocadinho.

Nota da Redacção.

Comissão Executiva DA Camara Municipal

Sessão ordinaria de 1 de Outubro de 1915

Foram presentes os seguintes Vereadores: Júlio António Cardoso, Victorino Simões Lopes Sampaio, António Alves Martins Pereira, António José Lopes Corrêa, sob a presidência do Vice-presidente cidadão José Rodrigues Leite da Silva.

Foi aprovada a acta da sessão ordinaria anterior.

Balançete—Ficou inteirada do balanço dado pelo respectivo tesoureiro municipal relativo à semana finda, o qual acusa os seguintes saldos:

Em depósito na Caixa Económica.	4:500\$00
Idem na Caixa Geral dos Depósitos.	4:982\$30
E em dinheiro no cofre.	1:120\$02,5
Total	10:602\$32,5

Zeladores—Ficou inteirada das notas do Serviço dos Zeladores desde o dia 17 até ao dia 30 do mês findo.

Turismo—Do Cidadão Miguel A. Moreira de Sá e Melo, accusando a recepção do officio que esta Camara lhe dirigiu e participando que já respondeu directamente à Repartição do Turismo; inteirada.

Vencimentos—Do Administrador d'este concelho, enviando uma cópia da circular que lhe dirigiu o Il.º Governador Civil, acerca da doutrina sobre a vida dos corpos administrativos e os vencimentos dos funcionarios.

Descanço semanal—Do Governador Civil, dando instruções acerca do horário do trabalho conjugado com a lei do descanso semanal; inteirada.

Escolas Móveis—Do Inspector das Escolas Móveis, solicitando indicações de quais as localidades d'este concelho onde devem ser criadas escolas móveis; inteirada.

Transferência de professores—Do Cidadão Inspector Primário d'este circulo, enviando uma cópia da circular que lhe dirigiu a Circunscripção Escolar, participando que o procedimento que pelo Ministério foi resolvido tomar com relação às transferências dos professores que não sejam feitas nos termos das leis vigentes, só é adoptado com as transferências que por ventura se venham a effectuar porteriormente à data da circular n.º 623 de 21 de junho passado; inteirada.

Escola de Serzedelo—Da Junta de Paróquia Civil de Serzedelo, informando que a queixa dada pela professora daquela freguesia é justa. Inteirada, resolvendo se officiar à Junta para indicar outra casa para os exercicios escolares e habitação da professora.

Escola de Meção Frio—De Maria da Conceição Sousa Mota Talnia, professora oficial da freguesia de Meção Frio, participando não ter sido convidada pela respectiva Junta de Paróquia Civil para dar cumprimento ao art.º

40 da lei de Instrução Primária; inteirada, resolvendo-se officiar à Junta, a fazer-lhe sentir o não cumprimento daquela disposição legal.

Festa das Taipas—De uma Comissão de Republicanos das Taipas, convidando o cidadão Vice-presidente da Comissão Executiva a assistir à solenização da abertura da nova Avenida de ligação dos balneários e inauguração de um centro local; inteirada, resolvendo a Comissão Executiva da Camara fazer-se representar.

Licença de obras—De Domingos da Silva, pedindo licença para reformar e alinhar uma das paredes da sua propriedade, confinante com o caminho publico; Concedida, devendo deixar o caminho com a largura de 4 metros.

No mercado—De Manuel Pinheiro, pedindo licença para ocupar permanentemente um metro quadrado de terreno na Praça do Mercado desta cidade, para no mesmo vender legumes; concedida, pagando a taxa devida.

Agua—De Francisco de Castro Leite, pedindo licença para atravessar o caminho publico, no lugar das Alminhas da freguesia de S. Lourenço de Calvos, com uma canalização de aguas; concedida, indemnizando a Camara com a quantia de 4000 pela occupação do terreno.

No cemitério—De Manuel Pereira Bastos, pedindo licença para remover para o seu jazigo o cadaver de sua sogra existente no cemitério publico no coval n.º 29, canteiro 8, e bem assim gravar no mesmo jazigo o seguinte: «Aqui jaz Josefa Maria Violanta—Faleceu a 6 de Maio de 1911. Orai por ela»; concedida.

No cemitério—De Maria de Belem de Carvalho Teixeira, pedindo licença para remover a osada existente na sepultura n.º 305, canteiro n.º 11, do cemitério publico para o jazigo perpétuo que possui no mesmo cemitério; concedida.

Caça—Concedeu licenças para caçar aos requerentes Mário Coelho Pereira da Costa, José Martins Salgado, António Ribeiro da Costa e António Ribeiro, todos d'este concelho.

A informar—Mandou a informar à Junta de Paróquia Civil o requerimento de Júlio Ribeiro da Silva.

Lactação—Concedeu subsídios de lactação até 31 de Dezembro d'este anno a favor da creança Josefina, filha de Maria Pereira, da freguesia da Oliveira.

Expostos—Aprovou as folhas de pagamento dos salarios às amas dos expostos e crianças desvalidas e subsídios de lactação relativas ao terceiro trimestre do corrente anno, da importância respectivamente de 289\$85 e 65\$48.

Lactação—Prorrogou até 31 de Dezembro d'este anno o subsídio de lactação concedido a favor de Lúcio Felix, filho de Antónia Felix, da freguesia de S. Paio de Vizela.

Avenças—Aprovou o adionamento ao Quadro das propostas de avenças para o 4.º trimestre, proveniente de impostos indirectos, que comprehende os números de ordem 884 e 900 inclusiv.

Edital—Resolveu publicar editais fazendo publicas as disposições do artigo 7.º e seus §§ do decreto n.º 559 de 24 de Setembro de 1915.

Preço de carnes—Resolveu mais que o preço das carnes verdes neste concelho seja o estabelecido no decreto acima citado, a qual ficará em vigor passado 8 dias a contar da data da publicação.

Matadouro—Deliberou que se desse conhecimento aos empregados encarregados da fiscalização dos matadouros publicos d'este concelho da disposição do art.º 8.º do decreto n.º 459 de 24 de Setembro de 1915.

Preço do pão—Deliberou encarregar o sr. Vice-presidente de

colher as informações indispensáveis para se estabelecer neste concelho o preço da venda do pão.

Pagamentos—Auctorizou varios pagamentos.

Sendo vinte e trez e meia horas e não havendo mais que tratar o sr. Vice-presidente encerrou a sessão.

Sessão ordinaria de 8 de Outubro de 1915

Pelas 21 horas do dia 8 de Outubro, reuniu em sessão ordinaria a Comissão Executiva da Camara Municipal, sob a presidência do cidadão Leite da Silva, achando-se também presentes os cidadãos Martins Serena, Ilídio Dias, José Fernandes e António José Ribeiro.

Balanço—Foi presente o balanço relativo à semana finda, que acusa os seguintes saldos:

Em depósito na Caixa Económica.	3:500\$00
Idem na Caixa Geral dos Depósitos.	4:982\$30
E em dinheiro no cofre.	2:309\$10,5
Total	10:691\$40,5

Matadouros—Também foi presente a nota do gado abatido nos matadouros publicos durante o mês findo, rendendo o seguinte:

Matadouro da cidade	174\$40
de Vizela.	89\$55

Escolas—Da Inspeção Escolar, pedindo para mandar interinar os senhorios dos prédios onde funcionam as escolas de Pentieiros e S. Torcato, para fazer reparações indispensáveis. Resolveu mandar fazer as intimações requeridas.

Contribuições—Do Administrador do Concelho, remetendo a cópia do relaxe das contribuições camararias, que devem ser entregues ao Procurador da República. Inteirada.

Alvará—Do mesmo cidadão, remetendo o alvará de licença do Matadouro de Vizela. Inteirada.

Escola Industrial—Do director da Escola Industrial Francisco de Holanda, pedindo a comparência do presidente da Comissão Executiva para uma reunião, afim de se resolver a criação dum curso commercial, naquele estabelecimento de ensino. O sr. presidente informa não poder ter anuido ao convite por estar ausente. Deliberou que neste sentido se officiasse ao director da aludida escola.

Guarda Republicana—Do Comandante da Guarda Republicana do Porto, pedindo informações sobre as obras no edificio para alojamento da guarda republicana que é destinada a este concelho. O sr. presidente informa já ter telegrafado dizendo estarem as obras prontas e pedindo também para vir a guarda no mais curto prazo possivel.

Impostos—Do chefe dos impostos municipaes, informando das irregularidades cometidas por dois guardas daquela repartição. Resolveu demittir um e suspender outro por oito dias.

Atestado—De João Baptista Sampaio, pedindo atestado de bom comportamento. Deferido.

Licenças—De Augusto Pinto Areias, pedindo licença para co-

locar um toldo e pintar nas portas do seu estabelecimento os seguintes dizeres: Lanificio—Augusto Pinto Areias. Deferido, cumprindo-se o Código de Posturas.

—De António Pádua da S. Cardoso, amanuense da secretaria municipal, pedindo 15 dias de licença. Deferido.

—De Júlio Ferreira da Silva, da Corredoura, pedindo licença para atravessar o caminho publico com uns canos galvanizados para a condução de agua. A junta para dizer a extensão do caminho que o requerente pretende atravessar.

—Concedeu 50 dias de licença ao cidadão vice presidente José Rodrigues Leite da Silva.

Instrução—Da professora de Gondomar pedindo para ser transferida para a escola de S. Lourenço de Sande. Indeferido, por se achar esta escola a concurso e ser contrario à lei a sua permuta.

Cortes de gado—De Rosa Maria Antunes, pedindo para reformar umas cortes de gado. Deferido.

Processo de concurso—Foi presente o processo de concurso para a escola de Nespereira, em que eram concorrentes Luis Gonçalves de Almeida, Maria do Carmo, Maria Emilia de Azevedo. Resolveu nomear a última, visto os três restantes não apresentarem todos os documentos que a lei exige.

Telegrama—Deliberou enviar o seguinte telegrama:

«Ex.º Presidente da República—Lisboa—Comissão Executiva da Camara Municipal de Guimarães, em sessão ordinaria de hoje, sauda v. ex.ª pela sua investidura primeira magistratura da Nação, confiada em que sob a presidência de v. ex.ª a República se engrandecerá.»

Preços do pão—Deliberou fixar os para a venda de pão os seguintes preços:

Pão económico.	50
Pão de uso comum.	70
Pão de familia.	90

Sendo 23 horas foi encerrada a sessão.

Casa vende-se

Na rua de D. João I com os n.ºs de policia 151 e 5 B. Falar com o sr. Victorino Silva.

ANNUNCIO

Aluga-se uma morada de casas na Rua de Egas Moniz, com trazeiras para o Campo da Feira.

Pode ser visitada todos os dias das 10 às 16 horas, tratando-se com o snr. Simão Ribeiro—Rua de Egas Moniz 32 a 38—GUIMARAES.

Bom saibro

Dá-se na Quinta das Lameiras. Pedidos ao caseiro.